

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA \_ UNB**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**  
**2º SEMESTRE DE 2009**  
**MESTRANDA: KARLA CALASANS DE MELLO**  
**MATRÍCULA: 200950777**

**Dulcinéia Del Toboso\_\_ Decantada pela violência do poder simbólico**

*O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. O poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis. (FOUCAULT: 1998)*

Uma notícia publicada pelo jornal *O Globo.com*, em 17 de abril deste ano de 2009 causou comoção e indignação entre as pessoas:

**GRÁVIDA É QUEIMADA E ESQUARTEJADA EM SANTA CATARINA**

FLORIANÓPOLIS - Policiais encontraram, na tarde desta quinta-feira, o corpo de uma mulher grávida carbonizado e esquartejado em Bom Retiro, na Serra catarinense. Acredita-se que o cadáver seja de uma jovem de 18 anos que havia desaparecido na madrugada de segunda-feira. Por enquanto, ninguém foi preso.

Desde a manhã de terça-feira, quando foi registrado Boletim de Ocorrência por desaparecimento na delegacia do município, a polícia estava à procura de Fernanda Schmidt, que estava grávida de sete meses e morava com a mãe, proprietária de um bar onde a jovem trabalhava.

Fernanda teria saído de casa por volta das 5h20min de segunda-feira para ir ao encontro do namorado, de 16 anos, e no meio do caminho, segundo testemunhas, teria sido abordada por um homem e colocada deitada, de barriga para baixo, sobre o tanque de uma moto, que fugiu do local.

Pessoas que presenciaram este fato chegaram a pensar que fosse alguma brincadeira, mas com o desaparecimento de Fernanda, divulgado em toda a

cidade, o contaram à polícia. Nesta quinta, em um campo isolado na estrada de acesso à localidade de Paraíso da Serra, distante cerca de três quilômetros do Centro de Bom Retiro, os policiais depararam-se com uma cena brutal.

Encontraram o corpo de uma mulher, sem algumas partes, carbonizado e esquartejado. A vítima estava grávida, já que o feto, parcialmente queimado, estava ao lado. Outras características, reconhecidas por amigos de Fernanda em um pé e um braço do cadáver, aumentam a hipótese de ser a jovem desaparecida. O corpo foi levado ao Instituto Médico Legal (IML) de Lages para a identificação oficial.

O namorado de Fernanda foi uma das primeiras pessoas a serem ouvidas pela polícia, e nega qualquer envolvimento com a morte dela. Outras testemunhas também já começaram a ser interrogadas. Até o fim da tarde desta quinta-feira, ninguém havia sido preso, e os motivos para o crime ainda eram desconhecidos. (Jornal O GLOBO.COM, publicado em 17/04/09)

Hoje, apesar de todo o avanço científico, nas mais diversas áreas do conhecimento, a sociedade ainda se depara com fatos como o dessa jovem queimada e esquartejada grávida. Por quê? Várias tentativas de explicação são possíveis, dependendo do olhar que se lança diante dessa realidade: talvez a jovem tivesse um poder que ameaçasse o criminoso; ou simplesmente o desrespeito à vida; a falta de valores e educação; a desigualdade social; a construção de um mundo consolidado no ter; uma sociedade em que crianças, mulheres, idosos, negros, e todos aqueles que têm pouco, ou nenhum poder de escolha, infelizmente, ainda sofrem maus tratos e são silenciados pela ordem do discurso.

Calaram a jovem, como calam diversos outros que se arriscam a desafiar qualquer tipo de poder e não têm meios para lidar com isso, ou que aceitam e acabam se submetendo sem muito poder de escolha.

“Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente e o mais familiar é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de se dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou

exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam , se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política, como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT: 1996, p. 9 e 10)

Hoje, a partir dessa realidade esboçada pelo fato ocorrido com essa jovem, é possível pensar em arte, em criação, falar de literatura, ler obras da categoria de *D. Quixote* e com elas dialogar? Como em uma sociedade mergulhada em acontecimentos de violência, corrupção, desrespeitos à vida e ao meio ambiente, inseguranças, injustiças, desemprego, falta de oportunidades, globalização, crise financeira mundial, transformações climáticas, epidemias, instabilidades, abuso de poder, sexismo, rupturas, elitização, exclusão, má distribuição de renda, fome, pobreza, censura, medos, angústias, ansiedades, impunidades, confrontos e outras variáveis; e ao mesmo tempo, um mundo dotado por uma força problematizadora que levanta questões sobre (ou torna problemáticos) o senso comum e o natural, e que nunca oferece respostas que ultrapassem o provisório; um mundo contraditório, que usa e abusa, instala e subverte os próprios conceitos que desafia — seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia; uma sociedade em que a realidade social é estruturada por discursos no plural; em que, antes de mais nada, as instituições passaram a ser submetidas a investigação: desde os meios de comunicação até a universidade, desde os museus até os teatros; e que as diferenças são sempre múltiplas e provisórias, é capaz de ler e reler *D. Quixote*? Quais os olhares possíveis dentro desse labirinto literário, a partir de perspectivas atuais? Como lançar-se em *D. Quixote*? Como pensar e posicionar-se diante dessa obra? Como problematizá-la? Como propor-lhe fundamentos contingentes? Como subverter seus conceitos? Como desafiá-los? Como pluralizar seus discursos? Como investigá-la? Como revisité-la e

fazer dessa leitura um espaço para questionamentos atuais? Como relacionar a morte dessa jovem grávida com uma obra escrita há 404 anos? Como deixar essa obra pulsante no seio da sociedade contemporânea?

Revisitando a obra, na tentativa de dialogá-la com este tempo, o elemento que causa extrema curiosidade e questionamentos, em decorrência de um silenciamento, é Dulcinéia del Toboso. Por que uma personagem, extremamente importante para a trajetória de D. Quixote, apresenta-se como um feminino invisível tão presente enquanto objeto falado nas declarações e percursos de D. Quixote; mas ausente enquanto sujeito falante?

Investigar o silêncio de Dulcinéia, será talvez, investigar os corredores silenciosos de todos aqueles que ao longo de toda a história da humanidade tiveram suas vidas construídas por outros, com ou sem escolha? Ou, quem sabe, o silêncio de Dulcinéia, seja, sobretudo, um símbolo da plenitude da alma de D. Quixote? O que fala este silêncio? Silenciar Dulcinéia é silenciar mulheres, que na tentativa de ocuparem seus espaços na sociedade, foram domesticadas, violentadas, presas, queimadas, rotuladas, menosprezadas, dominadas?

“O silêncio não é vazio, ou sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do vazio da linguagem como um horizonte e não como uma falta.” (ORLANDI: 1997, p. 70)

“Significa que o silêncio é garantia do movimento dos sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio. (...) Ele é, sim, a possibilidade para o sujeito trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o múltiplo, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que o todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa.” (ORLANDI: 1997, p. 23)

Dulcinéia é um invisível, que muito mais que visível, questiona a alma e as construções humanas. Questiona a posição de um feminino ontem e hoje. D. Quixote imaginou Dulcinéia para satisfazer o seu desejo de ser um autêntico e verdadeiro cavaleiro andante. Mas o

que na realidade está por detrás dessa criação? O que se deve aprender e apreender com a criação de D. Quixote?

O que se deve aprender com os artistas?

De que meio dispomos para tornar as coisas belas, atraentes, desejáveis para nós, quando elas não o são? Temos que aprender com os artistas, os que estão, a rigor, continuamente dedicados a realizar tais inventos e artifícios, a nos afastar das coisas até que tenhamos delas uma visão parcial, até que não as vejamos muito bem ou tenhamos que juntar muito delas para ainda vê-las, ou espreitá-las, para vê-las como que em recorte, colocá-las de tal modo que se escondam parcialmente e só permitam ser vistas de relance, em perspectiva, ou contemplá-las através do vidro colorido ou à luz dos poentes, ou dar-lhes uma superfície e uma pele sem completa transparência. Tudo isso temos de aprender com os artistas e em todo resto ser mais sábios do que eles. Pois neles termina normalmente esta sua requintada faculdade: onde a arte acaba, começa a vida; nós, porém, queremos ser os poetas da nossa vida e, em primeiro lugar, das coisas mais pequenas e comuns. (Nietzsche:2001, aforismo 299)

É preciso ter olhos e ouvidos para ver e ouvir o que Cervantes, mesmo que, talvez, sem o saber\_\_ já que a arte está sempre um pouco à frente do pensamento, sempre um pouco mais viva e borbulhante\_\_ disse por intermédio do silêncio de Dulcinéia.

Dulcinéia Del Toboso \_\_ sinônimo de sobre-humano, única amada e protetora de D. Quixote, alma do cavaleiro, “flores e frutos de suas árvores”, “estrelas do seu céu”, motivadora de suas aventuras e batalhas, formosa e dulcíssima dama de uma invejável linhagem\_\_ é uma imagem criada sobre os mais altos adjetivos, para reproduzir, com os mais perfeitos detalhes, o modelo de um feminino construído nos mais renomados romances de cavalaria da Idade Média.

\_\_ (...) o seu nome é Dulcinéia, sua pátria El Toboso, em lugar de Mancha; a sua qualidade há de ser, pelo menos, princesa, pois é rainha e senhora minha; sua formosura, sobre-humana, pois nela se realizam os impossíveis e quiméricos atributos de formosura que os poetas dão às suas damas; seus cabelos são ouro, a sua testa campos elísios; suas sobranceiras arcos celestes; seus olhos sóis, suas faces rosas, seus lábios corais; pérolas os seus dentes; alabastros o seu colo, mármore o

seu peito; marfim as suas mãos; sua branca neve; e as partes que a vista humana traz encobertas a honestidade são tais, segundo eu conjeturo, que só a discreta consideração pode encarecê-las, sem poder compará-las.”( Capítulo XIII. Livro Primeiro)

Portanto, para compreender Dulcinéia Del Toboso ontem e hoje, é necessário conhecer a sociedade da época, para mapear a posição do feminino e a partir disso chegar a algumas conclusões; e poder, finalmente, dialogar o caso da jovem queimada e esquartejada com a obra em questão.

*O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de La Mancha*, obra escrita e publicada por Cervantes nos anos de 1605 (Primeiro Livro) e 1615(Segundo Livro), historicamente foi produzida num período de transformações. Um momento de decadência do Feudalismo e do Cristianismo e uma lenta elaboração da Renascença.

Cervantes tem por herança uma sociedade medieval, que por um lado, revelava ao homem o seu valor como um ser moral e espiritual, a partir do Cristianismo; e que por outro, estruturava-se nas bases do Feudalismo, em que os senhores feudais detinham os poderes das terras e utilizavam os trabalhos dos servos.

As guerras, no tempo do Feudalismo, eram umas das principais formas de obter poder. Os senhores feudais envolviam-se em guerras para aumentar suas terras e poderes. Os cavaleiros, corajosos, leais, equipados com escudos, elmos e espadas, formavam a base dos exércitos medievais e representavam o que havia de mais nobre neste período.

Na Idade Média, a Igreja Católica dominava o cenário religioso e influenciava o modo de pensar e agir das pessoas da época. Para impor a força e a supremacia Católica, exterminando todos os que não aceitavam o cristianismo nos padrões impostos, a Igreja passou a fazer uso da Inquisição. Também chamada de Santo Ofício, foi um tribunal eclesiástico criado com a finalidade "oficial" de investigar e punir os crimes contra a fé católica. Os hereges, as antigas religiões dos pagãos e todos

aqueles que praticavam bruxarias constituíam uma ameaça hostil ao Cristianismo. As punições eram feitas publicamente com o intuito de coagir e intimidar a população. E as vítimas podiam ser enforcadas, decapitadas, ou, na maioria das vezes, queimadas. As mulheres era uma das maiores vítimas dessa época.

Como quer que seja, não se pode definir a Idade Média sem atender à sua exaltação mística e cavalheiresca. Porque em verdade, nunca se viveu tão religiosa e heroicamente como nesses confusos tempos a que se convencionou chamar a noite de dez séculos. A vida parece então, cegamente, subordinada a entidades abstratas. Deus e justiça são palavras que tudo podem. Daí porque a Europa medieval tinha de ser, exatamente, o que foi: um viveiro de monges e cavaleiros andantes; um laboratório de santos e heróis. (MOOG: 1964, p. 68)

A partir do já dito, é nítido perceber o quanto a opressão circulava por todos os lugares da sociedade, caso não se seguisse o discurso dominante. E qual era a situação da mulher nesse período? Em seu livro *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir declara que a ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher e o seu silenciamento. Há sem dúvida uma série de discursos das Escrituras Sagradas, fora escritores da época, que construíram a idéia de um feminino que precisava ser lido e seguido. E quem ousasse desobedecer às leis divinas, estaria condenado a severas punições.

Simone de Beauvoir cita diversos discursos produzidos naquela época, como:

(...) com São Paulo afirma-se a tradição ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia no Antigo e Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher e ao homem. “O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para a mulher e sim esta para o

homem.” (...)”Assim como a Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres aos seus maridos.”

Tertuliano escreve: “Mulher, é a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousava atacar de frente. É por sua causa que o filho de Deus teve que morrer; deverias andar sempre vestida de luto e de andrajos.”

Santo Ambrósio: “Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É justo que a mulher aceite como soberano aquele que ela conduziu ao pecado.”

São João Crisóstomo: “Em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher”.

Santo Tomás declara: “O homem é o pé e a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça do homem” (...) “É indubitável que a mulher se destina a viver sob o domínio do homem e não tem por si mesma nenhuma autoridade”

“Na paz como na guerra, ela partilha a sorte dele; com ele vive, com ele morre”, escreve Tácito. (BEAUVOIR: 1980, p. 118 e 119)

A legislação honrava a mulher como esposa e mãe, mas escravizava-a nessas funções. Nesse período, a mulher vivia no julgo do direito feudal, sob a confusão entre soberania e propriedade, entre direitos públicos e privados, ora se encontrava rebaixada ora elevada pelo regime. A mulher era o instrumento através do qual a propriedade se transmite. Ela era absolvida pelo feudo, fazia parte dos bens imóveis, era considerada uma propriedade privada. Era submetida a assistir aos combates, fornecendo a comida aos guerreiros e animando-os com sua presença. A mulher era de fato inteiramente impotente, apesar de reconhecerem-lhe alguns direitos, como: ter sobre os filhos uma autoridade igual a do pai e o mesmo direito à herança.



Existia, porém na Idade Média, uma diferença de comportamento dependendo da condição social. Os camponeses e pequenos comerciantes só tinham o privilégio de espancar suas mulheres, pois as suas forças eram confrontadas, em pé de igualdade, com a esperteza de suas esposas. Ao passo que as mulheres ricas pagavam sua ociosidade com a submissão.

Uma melhoria na sorte da mulher dessa época se deu com o surgimento do amor cortês. Simone de Beauvoir declara que diversas teses se defrontam, acerca das origens do amor cortês. Segundo uns, a cortesia decorre das relações da susserana com seus jovens vassallos, segundo outros, ela estaria ligada às heresias e ao culto da Virgem; outros, enfim, fizeram derivar o amor profano do amor a Deus em geral. Porém não se tem muita certeza de que as cortes de amor tenham realmente existido. Mas o certo é que diante da Eva pecadora, a Igreja foi levada a exaltar a Mãe Redentora. Seu culto se tornou tão importante que se pôde dizer no século XIII que Deus se fizera mulher; uma mística da mulher desenvolveu-se, portanto, no plano religioso. Por outro lado, os lazes da vida de castelo permitiam às mulheres nobres fazerem florescer em volta delas o luxo da conservação, da cortesia, da poesia. O amor cortês era uma compensação da barbárie dos costumes oficiais.

Antes, portanto, de qualquer inspiração que Cervantes possa ter tido para criar Dulcinéia, por intermédio das letras de D. Quixote, esta dama é símbolo de um feminino construído por todo um discurso medieval. Um feminino, mesmo que cortejado, está vulnerável e impotente nas mãos de um masculino, que imagina, cria, seleciona, decanta, a partir do seu discurso, para satisfazer seus desejos de ser um autêntico cavaleiro andante. Isso fica muito evidente na passagem do capítulo XXV do Livro Primeiro, quando Sancho Pança descobre que Dulcinéia é na realidade Aldonza Lourenço e D. Quixote se propõe a esclarecer os fatos de uma forma muito lúcida:

—Já te tenho dito, e por muitas vezes, Sancho — disse Dom Quixote —, que és um grande falador; e, ainda que de bestunto roceiro, muitas vezes frisas em subtil; contudo, para te convencer de quão rombo és tu, e eu discreto, quero que me ouças um breve conto. Certa viúva formosa, moça, livre e rica, e ainda por cima desenfadada, se enamorou de um rapaz tosquiado, roliço e de boa presença. O irmão mais velho dela, descobrindo aquela inclinação, disse-lhe um dia a modo de advertência fraternal: “Maravilhado estou, senhora, e com bastante razão, de que mulher tão principal, tão formosa e tão abastada como Vossa Mercê se haja enamorado de um homem tão soez, tão baixo e tão idiota como é Fulano, sendo esta casa freqüentada por tantos padres- mestres, apresentados e teólogos, por onde Vossa Mercê poderia fazer melhor escolha, como em uma bandeja de peras, e dizer: este serve-me; aquele não presta”. Ao que ela respondeu com grande chiste e despejo: “Vossa Mercê, senhor meu, está mui enganado e pensa muito à antiga, se cuida que elegi mal em Fulano, por lhe parecer idiota, porque para o que eu quero tanta filosofia sabe como Aristóteles, e até mais”. Assim, Sancho, para o que eu quero a Dulcinéia Del Toboso tanto vale ela como a mais alta princesa do mundo. Olha que nem todos os poetas que louvam damas debaixo de um nome que eles arbitrariamente lhes põem as têm na realidade. Pensa tu que as Amarílis, as Fílis, as Sílvias, as Dianas, as Galatéias<sup>1</sup>, e outras queijandas de que andam cheios os livros, os romances, as lojas de barbeiros, os teatros das comédias, foram realmente damas de carne e osso, e pertencem àqueles que as celebram e celebraram? Decerto que não. As mais belas inventaram-nas eles para assuntos dos seus versos, e para que os tenham por enamorados, e homens de valia para o serem. Segundo isso, basta-me também a mim pensar e crer que a boa da Aldonza Lourenço é formosa e honesta. Lá a sua linhagem importa pouco; não hão de ir tirar-lhe as inquirições para dar-lhe algum hábito; para mim faço de conta que é a mais alta princesa do mundo. Porque hás de saber, Sancho, se o não sabes, que há duas coisas só que mais que todas as outras incitam a amar: são a formosura e a boa fama; e ambas estas cousas são em Dulcinéia extremadas, porque em lindeza nenhuma a iguala, e em boa nomeada poucas lhe chegam; e, para acabar com isto, imagino eu que tudo que te digo é assim sem um til de mais nem de menos; pinto-a na fantasia como a desejo assim nas graças como no respeito; nem Helena<sup>2</sup> lhe

---

<sup>1</sup> Heroínas de novelas pastoris.

<sup>2</sup> Helena de Tróia.

deita águas às mãos, nem Lucrecia<sup>3</sup>, nem outra alguma das famigeradas mulheres das idades pretéritas, grega, bárbara ou latina; digam o que quiserem; se por isto me repreenderem os ignorantes, não me condenarão os justiceiros.( Capítulo XXV)

A partir dessas evidências, pode-se afirmar, inicialmente, que Dulcinéia é símbolo de um feminino decantado, visto que D. Quixote filtra sua Dama por intermédio dos mais belos adjetivos e valores morais, como se estivesse, este, no ofício da decantação, que é, nada mais, nada menos, passar suavemente um líquido de um vaso para outro, afim de separá-lo de suas impurezas. Mas que, ao mesmo tempo, significa também, exaltar, engrandecer e celebrar. Atitudes, estas, oferecidas à Dulcinéia, por D. Quixote, em diversos momentos da narrativa.

Dulcinéia é um corpo. Um corpo feminino preso no interior de poderes discursivos, que lhe impõem limites, proibições e obrigações. Um corpo objeto e alvo de poder, pois é manipulado e modelado por D. Quixote. O cavaleiro a cria, dando-lhe características físicas e morais, a partir dos seus interesses. No discurso de D. Quixote, Dulcinéia apresenta-se como sua fortaleza e força, mas ao mesmo tempo doce e frágil; e merecedora de todas as suas batalhas e proteções.

D. Quixote, em seu discurso, fragiliza e exalta, para dominar. Ele se faz dominado, mas é aquele que domina, pois Dulcinéia é fruto de sua imaginação e a existência dela está em suas mãos. Ele a coloca em um pedestal, e a qualquer momento, pode tirá-la, quando bem entender. Expressões, como: “*Ó Senhora da minha alma*” , “*eu a sirvo*”, “*a sua qualidade há de ser, pelo menos, princesa, pois é rainha e senhora minha*” , anunciam posturas de fragilidade, beleza e poder, ofertadas à Dulcinéia, por D. Quixote, para que este possa seduzir, e, então, dominar o feminino.

---

<sup>3</sup> Dama romana que, violentada por Tarquino, se suicidou, segundo Tito Lívio.

Um discurso que existe, para ordenar e silenciar. Para tornar esse corpo feminino dócil, doce, dulcíssimo como Dulcinéia, do *latim: cheia de doçura*.

Dulcinéia é fruto dos pensamentos de D. Quixote, de sua articulação discursiva, para que o cavaleiro supra as suas próprias vaidades:

\_\_Nisso é que vai o erro \_\_ respondeu Dom Quixote \_\_; digo que não pode existir cavaleiro andante sem dama, porque tão próprio e natural assenta nos que o são serem enamorados, como no céu ter estrelas; e **onde com efeito se viu nunca história de cavaleiro andante sem amores?**<sup>4</sup> Se os não tivesse, não fora tido por legítimo cavaleiro, senão por bastardo, e que entrou na fortaleza da dita cavalaria não pela porta, mas por alguma fresta como ladrão. ( Capítulo XIII)

Dulcinéia encontra-se, portanto, em posição de instrumento de um cavaleiro que constrói e tenta controlar minuciosamente suas operações, para satisfazer um desejo. Segundo Foucault, *esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que pode-se chamar “as disciplinas”*. (FOUCAULT: 1986, p. 126). A disciplina imobiliza ou regulamenta os movimentos. Ela cria entre os indivíduos um laço privado e fabrica corpos submissos e dóceis.

O corpo de Dulcinéia entra nessa maquinaria de poder, que a esquadrinha, quando, com cuidado e diligência, D. Quixote a estuda e a pesquisa nos menores detalhes; quando essa dama é desarticulada, a partir de um silêncio absoluto como personagem; quando esta se compõe de características vindas do imaginário e de leituras cavalheirescas feitas por D. Quixote; e quando, também, é classificada e enquadrada como a mais perfeita dama de um cavaleiro andante, que desejava ser o maior entre todos que já se ouvira falar.

---

<sup>4</sup> Os estatutos da Ordem da Banda ordenavam que não houvesse cavaleiro sem dama.

Dulcinéia é submetida a uma mecânica de poder em que D. Quixote tem domínio sobre o seu corpo, podendo operá-lo como quiser, dentro da narrativa, apesar de variáveis, como: o encantamento de sua suposta dama, sugerido por Sancho; ou a aparição de Dulcinéia arquitetada pelo duque e pela duquesa, com a proposta de seu suposto desencantamento.

Dulcinéia é uma linguagem construída e silenciada por este poder discursivo, que domina os corpos e a maneira de pensar e agir. Pois apesar de todas as características e descrições atribuídas a ela, essa dama ainda é um ser desconhecido para D. Quixote, seus leitores e críticos. Dulcinéia pode ser associada ao vazio, ao múltiplo, à complexidade, ao mistério, à massa escura, ao não dito, a uma nebulosa, ao não controlável, à ausência, ao invisível, ao silêncio, ao desconhecido, ao inapreensível, a um corpo feminino indefinível enquanto sujeito agente. Por isso mesmo, D. Quixote apóia-se em definições pré- estabelecidas para construir/ destruir/ silenciar esse discurso. E numa tentativa de organizar esse vazio, esse múltiplo, ele impõe uma ordem, para percorrê-lo e dominá-lo em pleno início do século XVII, nos momentos finais de uma Idade Média e o início de uma Renascença. O século das fogueiras e da Inquisição; da profunda luta entre a inteligência e a repressão. Século que deu início a denominada Filosofia Moderna, com a solidificação do conceito de subjetividade; e também ao surgimento da moderna Epistemologia e a ruptura com a doutrina Escolástica.

Dulcinéia é um átomo fictício de uma representação ideológica de um feminino. É uma realidade fabricada por esse mecanismo de poder chamado: disciplina, capaz de violar e oprimir as diferenças, as individualidades e as multiplicidades. Um modelo de feminino estabelecido a partir de comparações, diferenciações, hierarquizações, homogeneizações e exclusões. Uma Dulcinéia normalizada a partir dos padrões estabelecidos por D. Quixote.

Dulcinéia é decantada por sistemas simbólicos, que impõem e legitimam o discurso dominante, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra e facilitam a domesticação dos dominados. Ou seja, D. Quixote cria toda uma estrutura, a partir de suas diretrizes, para que esse feminino tome corpo e seja por ele domesticado e privatizado.

As diferenças de classes e facções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais.<sup>5</sup> Elas podem conduzir esta luta quer direta, nos conflitos simbólicos da vida cotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica ( produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima, quer dizer, do poder de impor \_\_ e mesmo de inculcar \_\_ instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários \_\_ embora ignorados como tais \_\_ da realidade social. O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes. ( BOURDIEU: 1989, p. 12)

Um poder simbólico se estabelece nessa relação entre D. Quixote e Dulcinéia. Esse poder se exerce, tornando-se invisível, mas impondo-se, a quem se submete; um princípio de visibilidade obrigatória. Um meio de controle e método de dominação incorporado ao seio da sociedade, como parte integrante e inquestionável. Uma espécie de sentença programada de como pensar, agir ou ser. Corpos e mentes que de forma subliminar atendem a uma estrutura pré- programada e são silenciados e decantados enquanto seres de comunicação.

---

<sup>5</sup> As tomadas de posição ideológica dos dominantes são estratégias de reprodução que tendem a reforçar dentro da classe e fora da classe a crença na legitimidade da dominação da classe.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder: (...) em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força, fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIEU: 1989, p. 15)

Dulcinéia é, portanto, decantada por esse poder simbólico, a partir do momento em que é quase esquecida pelos críticos e apenas apresentada como a dama formosa e sem-par senhora do cavaleiro andante D. Quixote de la Mancha; quando permanece em silêncio pelas páginas e pelos séculos dessa história e em nenhum momento é questionada por isso; quando adquire vida pelo discurso de outros e nunca se posiciona por intermédio de seu próprio discurso; quando é vista, mas não vê; quando é um objeto de informação, mas nunca sujeito numa comunicação.

um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo ( e, em particular, do mundo social) que supõe aquilo a que Durkheim<sup>6</sup> chama o *conformismo lógico*, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. (BOURDIEU: 1989, p. 9)

Dulcinéia é decantada por um poder simbólico, enquanto representante de um feminino oprimido por um discurso dominante durante toda a

---

<sup>6</sup> Émile Durkheim (Épinal, 15 de abril de 1858 — Paris, 15 de novembro de 1917) é considerado um dos pais da sociologia moderna. Durkheim foi o fundador da escola francesa de sociologia, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. É reconhecido amplamente como um dos melhores teóricos do conceito da coesão social.

história da humanidade, e também por uma linguagem construída sem respeitar as múltiplas vozes do feminino, e que se apóia em um sexismo<sup>7</sup> para existir.

### **III.2 O Sexismo em D. Quixote e a linguagem de Dulcinéia**

O sexismo constitui-se a partir da própria linguagem. Desde a década de 1970, um número cada vez maior de estudos empíricos relacionados às diferenças sexuais vem atribuindo isso ao uso da linguagem. É por esta, que a posição de inferioridade das mulheres é determinada e a ação opressiva no mundo vem se constituindo. É pela linguagem que Dulcinéia não existe enquanto sujeito de comunicação e se faz presente somente enquanto ser de observação, com sua presença feminina suprimida. As palavras são as responsáveis por perpetuarem as relações de poder entre os gêneros.

As mulheres falam cada vez menos frequentemente que os homens.

As mulheres são mais cuidadosas que os homens em usar a gramática correta, são mais conservadoras quando se trata de inovação estilística, usando adjetivos de emoção de preferência a de movimento, formam metáforas conflitantes, ambivalentes, de preferência a lugares-comuns. As mulheres mostram preferência também por estruturas modais como “poderia ter sido”, indicando incerteza e indecisão. Outras diferenças, empiricamente menos estabelecidas, mas observadas, são o uso, pelas mulheres, de adjetivos “vazios” tais como “encantador” ou “amável” ou de perguntas reiterativas, como “entendeu?”, “certo?”, para atenuar a força afirmativa, além da tendência das mulheres a serem mais polidas e

---

<sup>7</sup> sexismo (*sexo* + *-ismo*)s. m.1. Termo empregado pelos movimentos de emancipação feministas para designar a atitude dominante dos homens para com as mulheres. 2. Discriminação baseada em critérios sexuais.



mais receptivas. Em algumas culturas a anomalia da fala feminina é institucionalizada, ou inserida na estrutura fonológica. As mulheres podem usar dialetos diferentes dos homens ou escrever em certo vernáculo, ao passo que os homens escrevem em linguagem mais formal. (NYE: 1995, p. 205)

Dulcinéia e diversas mulheres ao longo da história da humanidade estiverem silentes durante tanto tempo em decorrência do controle da linguagem. Os signos dominantes foram responsáveis por adestrarem corpos e pensamentos e fazerem da maioria das mulheres apenas um fetiche no mundo patriarcal.

Falar é assumir poder, e o feminino deixou durante muito tempo de afirmar-se nessa área. Calou-se e se deixou calar no processo de constituição de sua linguagem. As mulheres, ao longo da história, foram ensinadas a serem vistas e não ouvidas; a reproduzirem uma linguagem sexista e a reafirmarem as diferenças de gênero inscritas nos léxicos.

O sexismo, em D. Quixote, pode ser identificado em diversas passagens relacionadas à Dulcinéia, reafirmando assim a estrutura: *masculino- ativo- presente e feminino- passivo- ausente*.

Os nomes atribuídos às personagens Dom Quixote e Dulcinéia são inicialmente representantes dessa diferença codificada na linguagem. Começando pelo cavaleiro, *Dom*\_\_ substantivo masculino, que dá título a nobres e altos cargos da Igreja, mescla-se com *Quixote*, que é o nome dado à parte da armadura que cobre a coxa (região da anatomia humana que naturalmente foi concebida para sempre ir a diante). Dom Quixote, portanto, a partir de seu nome, representa os dominantes da época: a nobreza e a Igreja, e também, toda força de ação do gênero masculino, a partir

do significado da palavra Quixote. O espírito do cavaleiro andante se constitui no seio desse nome.

Já Dulcinéia, como citado anteriormente, vem do latim *cheia de doçura*; o que conecta a dama ao mundo das sensações, dos sentimentos, da passividade, do encanto, da beleza, do amor, da benevolência.

buscando-lhe um nome que não desdisses muito do que ela tinha, e ao mesmo tempo desse seus ares de princesa e grã-senhora, veio a chamá-la Dulcinéia del Toboso, por ser El Toboso a aldeia de sua naturalidade; nome este, em seu entender, musical, peregrino, e significativo, como todos os mais que a si e às suas cousas já havia posto. (Capítulo I)

Uma outra maneira pela qual o sexismo se estabelece na narrativa diz respeito a postura do cavaleiro e da dama diante das batalhas. Enquanto D. Quixote apresenta-se como um ser ativo, característica atribuída genuinamente ao gênero masculino, pelos padrões patriarcais; Dulcinéia possui a função única de assistir, proteger e amparar o cavaleiro a partir de um lugar indefinível na narrativa. Essa dicotomia entre movimento e emoção, entre atividade e passividade, se estabelece em diversas passagens, como:

\_\_Assiste-me, senhora minha, na primeira afronta que este vosso avassalado peito se apresenta; não me faltem neste primeiro transe o vosso favor e amparo. (Capítulo II)

\_\_Ó senhora da formosura, esforço e vigor do meu debilitado coração, lance é este para pordes os olhos da vossa grandeza neste cativo cavaleiro, que a tamanha aventura é chegado! (Capítulo II)

\_\_ Ó senhora das minhas ações, caríssima e incomparável Dulcinéia Del Toboso, se é possível que cheguem aos teus ouvidos as preces e rogos deste teu venturoso amante, por tua inaudita beleza te peço que os escutes, pois cifram-se apenas em implorar-te que te não recuses a

dar-me o teu favor e amparo, agora que tanto deles preciso. Vou despenhar-me, sepultar-me e sumir-me no abismo, que aqui se me escancara, só para que o mundo conheça que, se tu me favoreceres, não haverá impossível que eu não cometa e alcance. ( Capítulo XXII)

Outro elemento codificado pelo sexismo é o estado civil da mulher, que reflete a expectativa de que a identidade desta depende de seu marido. Em D. Quixote, isso fica evidente na conversa estabelecida entre o cavaleiro e Dom João:

No decurso da ceia, perguntou Dom João a Dom Quixote que notícias tinha da senhora Dulcinéia Del Toboso: se casara, se estava grávida, ou se, estando ainda donzela, se lembrava, sem deixar de guardar sua honestidade e decoro, dos amorosos pensamentos do Senhor Dom Quixote.

Ao que ele respondeu:

—Dulcinéia está donzela, e os meus pensamentos são mais firmes do que nunca (...)

A notícia de Dulcinéia é dada, com confiança e afirmação, pelas palavras de D. Quixote. Mais uma vez, o feminino é dito pelo masculino.

A utilização dos pronomes possessivos são também indícios desse sexismo na linguagem da obra, pois, ao utilizá-los, D. Quixote refere-se à Dulcinéia, estabelecendo uma relação de posse com a dama. Expressões, como: “*Ó senhora de minhas ações*”, “*senhora deste cativo coração*”, “*senhora minha*”, “*dia da minha noite*”, “*glória da minha pena*”, “*Minha Dulcinéia Del Toboso*”, “*minha senhora princesa*”, dão, ao cavaleiro, Dulcinéia como um objeto privado.

Até os adjetivos são sexualmente codificados. “*Donzela mais formosa*”, “*Imperatriz de Mancha*”, “*sem-par em formosura*”, “*a mais alta princesa*

*do mundo*”, “*a mais bela das belíssimas*”, são características aplicadas apenas à Dulcinéia e nunca a D. Quixote, que é caracterizado como:

— Sancho amigo, hás de saber que eu nasci, por determinação do céu, nesta idade de ferro, para nela ressuscitar a do ouro, ou dourada, como se costuma dizer. Sou eu aquele para quem estão guardados os perigos, as grandes façanhas, e os valorosos feitos. Sou, tornou a dizer, quem há de ressuscitar os da Távola Redonda, os doze pares de França, e os nove da fama; o que há de pôr em esquecimento os Platires, os Tablantes, Olivantes e Tirantes, os Febos e Belianises, com toda a caterva dos formosos cavaleiros dos passados tempos, fazendo neste em que me acho tais grandiosidades, estranhezas e feitos de armas, que escureçam os que eles fizeram mais brilhantes.  
(Capítulo XX)

D. Quixote está para a ação assim como Dulcinéia está para a contemplação. D. Quixote está para falar de seu “eu”, enquanto Dulcinéia está para se ouvir falar, por intermédio dos outros, de quem ela é. O cavaleiro andante está para a formosa dama Dulcinéia. O que sugere um esquema semântico subjacente que atribui adjetivos diferentes a sexos diferentes.

Os mais belos, renomados e perfeitos adjetivos são atribuídos à Dulcinéia, modelando este feminino, a partir de padrões pré-estabelecidos. Porém, no momento em que a suposta Dulcinéia de Sancho é apresentada a D. Quixote como uma lavradeira, feia, mal cheirosa, entre outras características contrárias a sua incomparável princesa, uma nova seleção se estabelece. D. Quixote acredita, então, que sua dama só pode estar encantada pelos “nigromantes”, ditando assim, de forma subliminar, um padrão de donzela e de feminino, como uma forma de perpetuar os modelos femininos aceitos como corretos.

Estes, entre outros exemplos possíveis de sexismo, ao longo de toda a narrativa, possibilitam chegar a seguinte conclusão:

O grupo dominante, isto é, o masculino, também domina a comunicação. As mulheres têm diferentes perspectivas e experiências, mas sua experiência é filtrada através da linguagem de construção masculina. ( NYE: 1995, p. 209)

A ideologia masculina está arraigada na linguagem. E se a função de falar é masculina, então o mesmo acontece com a constituição da identidade como sujeitos falantes: “É na linguagem e através dela que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem estabelece o conceito de ego na realidade.” Se esta observação do lingüista Benveniste é correta, e a subjetividade é modelada na linguagem, então não é de surpreender que seja difícil para a mulher se tornar um sujeito falante. A linguagem não é apenas um ordenamento funcional de sons; é por meio desse ordenamento que se chega a ter identidade. (NYE, 1995, p. 219)

Dulcinéia é, portanto, decantada pela violência do poder simbólico, pois não tem o seu espaço de fala respeitado, nem a possibilidade de constituir-se como sujeito dentro da narrativa. O discurso de D. Quixote subtrai, em seu campo imaginário, a relação de interlocução de Dulcinéia.

A dama sofre um sexismo subliminar na constituição da linguagem que a apresenta; o que fez, e que ainda faz, muitos acreditarem que Dulcinéia é simplesmente fruto da imaginação de D. Quixote, para representar a dama que um cavaleiro andante necessita para motivar-se e seguir sua jornada.

Mas Dulcinéia ultrapassa esse campo imaginário, a partir do momento em que ela fala, por si mesma, através do seu próprio silêncio. A linguagem dos sulcos, dos entres, dos intervalos, dos vazios, dos labirintos, dos corredores estreitos que se constituem e ultrapassam as diretrizes e bases propostas por um olhar dominante do início do século XVII, tomam corpo em Dulcinéia.

Mais do que a dama de um cavaleiro, Dulcinéia é sinônimo de um feminino silenciado por uma Inquisição física, mas também simbólica, que queimou, apagou ou ocultou uma boa parte dos seus verdadeiros rastros de identidade. Mas que ao longo dos tempos, vem encontrando espaços vazios para se apropriar da sua própria existência e, portanto, da sua própria linguagem.

Um feminino que vem a cada dia reivindicando “um teto que é só seu” através de pensadoras, escritoras, criadoras, artistas, mulheres comuns que cruzaram e ainda cruzam as ruas de cidades, povoados, países por este mundo, com o propósito de recuperarem suas afeições e poderem relacionar-se com elas mesmas e com o mundo através de suas diversidades e multiplicidades linguísticas.

Dulcinéia lida no século XXI é um grito de alerta e uma crítica aos que ainda, nos dias de hoje, cometem atrocidades como a ocorrida com essa jovem queimada e esquartejada grávida em Florianópolis. Pois este fato ainda não é algo isolado. Todos os dias, em mídias diversas (rádio, televisão, Internet) histórias como essas são contadas e recontadas e muitas vezes caem na banalidade, no esquecimento, na impunidade ou no conformismo.

### **Referências bibliográficas**

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha (livro primeiro)*. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&M, 2006.

---

\_\_\_\_\_ *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha (livro segundo)*. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&M, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_ *Vigiar e punir \_ história da violência nas prisões*. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1986.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

MOOG, Vianna. *Heróis da decadência \_ Petrólio/ Cervantes/ Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1964.

OLANDI, Eni Pucinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.